

# CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE O ARTIGO E O NOME EM PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA\*

**Diocleciano Nhatuve**

djrnhatuve@gmail.com

*Universidade do Zimbabwe (Zimbabwe)*

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo descrever os aspetos de concordância entre os artigos e os nomes em sintagmas nominais escritos por aprendentes de português do 2º e do 3º ano na Universidade do Zimbábue. O estudo baseia-se nas abordagens qualitativa e quantitativa e nas teorias de aprendizagem das línguas não maternas. Para a identificação das tendências transversais e das que são particulares do grupo alvo, recorre-se a um grupo de controlo constituído por aprendentes de português dos níveis A2 e B1 na Universidade de Coimbra. Os resultados indicam que, embora as tendências desviantes estejam abaixo das realizações convergentes com o português europeu, elas não deixam de ser preocupantes sob o ponto de vista educacional. A projeção dos valores gramaticais do plural e do feminino nos núcleos bem como a concentração dos desvios de género envolvendo nomes da classe temática *-a* são tendências particulares dos aprendentes zimbabueanos de português, explicáveis com base na ação do conhecimento linguístico prévio, na manifestação das fases da interlíngua, e nos princípios de processamento do *input*.

**Palavras-Chave:** Português língua estrangeira; Artigos; Tendências de concordância nominal; Aprendentes zimbabueanos.

**Abstract:** This study aims to describe the aspects of agreement between articles and nouns in noun phrases written by 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> year Portuguese learners at the University of Zimbabwe. The study is based on qualitative and quantitative approaches and on non-native language learning theories. In order to identify common trends of learners of Portuguese as foreign language and those that are particular to the target group, we used a control group of A2 and B1 Portuguese learners at the University of Coimbra. Results indicate that although the deviant trends are below the agreement according the European Portuguese, they are nonetheless worrying from the educational point of view. The projection of the plural and feminine in the noun-heads as well as the concentration of gender deviations involving nouns belonging to thematic class *- a* are particular trends of Zimbabwean learners of the

\* Este artigo (com algumas alterações) constitui um dos subtópicos da minha Tese de Doutoramento em Linguística do Português orientada pelas Prof<sup>as</sup>. Doutoradas Cristina Martins e Graça Rio-Torto, a quem agradeço por todo o trabalho desenvolvido.

Portuguese language. These tendencies can be explained based on the action of previous linguistic knowledge, the manifestation of interlanguage phases and the principles of the input processing.

**Keywords:** Portuguese as foreign language; Articles; Tendencies of nominal agreement; zimbabwean learners.

## 1- Introdução

O uso do português língua estrangeira (PLE) é marcado, na maioria dos casos, por realizações linguísticas à margem do português europeu (PE), ora devido à ação do conhecimento linguístico prévio dos falantes, ora como manifestação das fases da interlíngua inerentes ao processo de aprendizagem das línguas não maternas.

Os aspetos que emergem no âmbito da apropriação do português língua não materna, devido às suas características peculiares quando confrontados com os usos dos falantes nativos portugueses, merecem estudos que apresentem com relativo detalhe as principais tendências. A descrição destes aspetos é útil para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e também para a divulgação do conhecimento sobre as diferentes realizações do português em diferentes contextos.

Neste âmbito, este estudo tem como objetivo descrever o fenómeno de concordância nominal (CN) entre os artigos e os núcleos nominais na escrita em PLE. Este objetivo geral implica a identificação das principais tendências e a observação dos níveis de desenvolvimento interlinguístico na passagem do 2º para o 3º ano de aprendizagem de PLE por um grupo de estudantes da Universidade do Zimbabwe, que têm o shona<sup>1</sup> e o inglês como línguas materna e segunda, respetivamente. Para além disto, para identificarmos as tendências que são particulares do grupo alvo e aquelas que podem ser consideradas transversais, comparamos os dados do grupo alvo com os de um grupo de controlo, constituído por aprendentes de PLE na Universidade de Coimbra.

A descrição do fenómeno de CN do grupo alvo, a identificação dos seus aspetos particulares e daqueles que são transversais dos aprendentes do PLE em geral mostram-se deveras importantes para o conhecimento da realidade que caracteriza o desenvolvimento de competências de CN em português por falantes de shona e de inglês, o que, inequivocamente, representa um contributo valioso para tornar o processo de ensino-aprendizagem de PLE mais eficaz. Aliás, acreditamos que, com o conhecimento destes aspetos, melhor se podem tomar decisões relevantes sobre as estratégias do ensino de PLE e de aspetos de CN, em particular.

Ademais, este estudo justifica-se pelo facto de a CN se revelar a área da língua

<sup>1</sup> De acordo com o Instituto Zimbabueano de Estatística (ZIMSTAT 2013), 82% da população zimbabueana é falante do shona como língua materna.

em que se registam maiores dificuldades na aprendizagem de português língua não materna por aprendentes zimbabueanos (cf. Nhatuve & Bwetenga (2018) e o capítulo 5 e 6 de Ernesto (2015: 52- 94)). Esta realidade não favorece o alcance dos principais objetivos do grupo alvo na aprendizagem de PLE. Comunicar com eficácia, produzir, editar, traduzir e interpretar textos escritos (uso da língua como instrumento de trabalho) são atividades impossíveis se o indivíduo não tiver suficientemente desenvolvido as competências de CN.

Em termos da base teórica que sustenta este estudo, considerando que o português no grupo alvo é desenvolvido graças ao processo de ensino-aprendizagem, recorreremos às teorias de aprendizagem das línguas não maternas. Consideramos, entretanto, os aspetos que, em diferentes modelos teóricos, se revelam comuns. Alguns dos conceitos a que recorreremos são a interlíngua, o conhecimento linguístico prévio bem como o processamento do *input* linguístico. A consideração destes aspetos tem que ver com o facto de constituírem a base para a análise do fenómeno de CN e para a explicação das tendências do grupo alvo.

## 2- Revisão da literatura

Nas gramáticas do português contemporâneo, define-se o artigo como sendo uma palavra que se antepõe aos substantivos para indicar a sua *definitude*<sup>2</sup> ou *indefinitude* referencial, funcionando como especificador nominal, sempre à esquerda (anteposto) do nome (Cunha & Cintra 2005; Lima 2011; Bechara 2009; Floripi 2008: 61 - 62).

Já Barbosa (1822: 144-145) destaca que, em português, “nós temos na nossa língua dous artigos, hum definido, que he *o, a* para o singular e *os, as* para o plural, (...) outro indefinido, que é *hum, huma* para o singular, e *huns, humas* para o plural”. Assim, os artigos apresentam uma forma para concordar com os nomes masculinos e outra para concordar com os nomes femininos, podendo todas variar em número em função dos traços do núcleo.

Entendido como especificador do nome (Raposo & Miguel 2013: 718- 719), o artigo depende de um núcleo nominal, com o qual deve concordar em género e número. Esta correspondência e partilha de traços gramaticais de género e número entre os artigos (e outros especificadores e modificadores nominais) e os nomes, num sintagma nominal (SN), denomina-se concordância nominal. (Corbett 2006; Rio-Torto 2002).

Entretanto, recorrendo ao Programa Minimalista de Chomsky (1995) e assumindo que o sistema computacional é responsável pela “construção de objetos sintáticos a partir de um arranjo de itens disponibilizados em uma *Numeração*” (Augusto ), a concordância em geral e, neste caso particular, a concordância nominal “se efetiva pela atuação da operação *Agree*<sup>3</sup> (id.). Esta operação (*Agree*) é acionada depois da operação sintática propriamente dita (*Merge*), devido à

<sup>2</sup> Por definitude do substantivo, referimo-nos à capacidade projetada pelo artigo de o substantivo referir uma entidade definida, específica, determinada e conhecida por um locutor ou por todos os interlocutores.

<sup>3</sup> Para além de *Agree* Chomsky (1995) apresenta outras operações computacionais como *Select*, *Merge* e *Move*.

presença de “determinados traços associados aos itens lexicais” (Augusto ). A operação *Agree* envolve, entretanto, a associação de morfemas a conjunto de traços com determinados valores, para resolver casos de imperfeição durante a derivação sintática (id.). Desta feita, pode-se considerar o fenómeno de concordância um processo pós-sintático. Este posicionamento está em linha com a Teoria da Morfologia Distribuída, que emergiu nos anos 90, defendida por autores como Harley & Noyer (1999), Noyer (2006), Harley & Noyer (2003) e Halle & Marantz (1993), em oposição à abordagem lexicalista da Morfologia (Muhammad 2019).

Relativamente a esta consideração, no âmbito da aprendizagem de línguas não maternas, importa salientar, de acordo com VanPatten (2004), que na combinatória sintática, os aprendentes adquirem e processam preferencialmente as chamadas palavras lexicais em detrimento de itens morfemáticos, que garantem a CN, por exemplo. Esta situação sustenta, em termos práticos (no que tange à aquisição da língua estrangeira), a ideia de a concordância ser um processo pós-sintático (ao nível de operações computacionais) e pode explicar a ocorrência de desvios de concordância nominal entre os artigos e os nomes em diferentes contextos onde se fala o português como língua não materna.

Aliás, em termos de concordância dos artigos e os nomes no uso da língua, o português europeu é considerado a variante com menos casos de realizações desviantes de CN. Já no português brasileiro e, em particular, em algumas variantes sociolinguísticas, a variação é significativa (Brandão 2013). Num estudo que se intitula *Aspetos da concordância de número no português do Brasil*, Scherre (1994: 5- 7) conclui que no português do Brasil vernacular os elementos à esquerda do núcleo (especificadores, incluindo os artigos) “tendem a receber mais marcas explícitas de plural, enquanto aqueles à direita do núcleo tendem a receber menos marcas explícitas de plural” (Exemplos 1 a.- c. tirados de Vieira & Brandão) (cf. também Vieira & Brandão 2014: 88- 89).

#### **Exemplos 1:**

- a. Os filho
- b. Os meus amigo
- c. Os primeiro momento

No contexto moçambicano e noutros países africanos de expressão portuguesa, por sua vez, observam-se tendências para a omissão dos artigos e para o cancelamento dos mecanismos de concordância em género e número, sempre resultante da incongruência dos traços gramaticais entre os constituintes do sintagma nominal (Gonçalves 2015; 2010; John-And 2011; entre outros), como podemos observar em 2 (a. – c.).

#### **Exemplos 2:**

- a. Recebi Øtelefonema. (in Stroud e Gonçalves, 1997) (PE = um telefonema)
- b. “...as nossas sinceras **desculpa**...” (in: Nhaturve & Fonseca 2013). (PE = as nossas sinceras desculpas)

- c. “A reitoria convocou todos **os estudanteØ** faltosos” (in: Adriano 2014: 169 );  
( PE =... os estudantes faltosos...)

É, entretanto, em contextos em que o português é usado como língua estrangeira (LE) que os desvios de CN se registam com maior expressão. As dificuldades de concordância envolvem as duas categorias; todavia, é na categoria de género que se regista maior número de casos de CN desviante. No que tange à CN dos artigos, os alunos chineses a aprenderem português, por exemplo, têm dificuldades no estabelecimento das categorias gramaticais de género feminino e número plural (Exemplos 3 a. - b.), facto que se deve à inexistência do sistema de artigos para distinguir o masculino e o feminino e/ou o plural e o singular nas línguas dos alunos (Zhang 2010; Mariotto 2014; Godinho 2010).

### Exemplos 3:

- a. \* ... pões as peras **na (num) avental**. (in Zhang 2010)  
b. \* **As chineses também gostam de comprar esta coisas**. (in Godinho 2010)

Neste âmbito, **os** aspetos que caracterizam o uso do português em diversos contextos, quer em conformidade com o PE quer de forma desviante, revelam-se diferentes dos aspetos que constituem o conhecimento linguístico prévio do grupo alvo referente às duas línguas, o shona e o inglês. A primeira, o shona<sup>4</sup>, para além de não ter o sistema de artigos (Mhute 2011: 341), é uma língua de sintaxe aglutinativa (Exemplos 4 a. - d.), isto é, ao nível da estrutura sintática mínima (sintagma), o shona “uses a complex system of rules to morphologically add affixes to a base form each with a distinct meaning” (Mukaro 2012: 221).

### Exemplos 4:

- a. [<sub>F</sub> [<sub>SN-suj</sub> [<sub>Pref.class10/num/pess</sub> **Dzi**] mba[<sub>Dem</sub> **idzi**]] [<sub>SV</sub> [<sub>Pref.class10/num/pess</sub> **dz**] akanaka]]  
(dzimbaidzi dzakanaka) (SH) (= Estas casas são bonitas PT).  
b. [<sub>F</sub> [<sub>SN-SUJ</sub> [<sub>Pref.class2/num/pess</sub> **Va**]rume] [<sub>SV</sub> [<sub>Pref.class2/num/pess</sub> **va**]noziva zvavanoda]]  
(varume vanoziva zvavanoda.) (= Os rapazes sabem o que querem PT).  
c. [F [SN-SUJ. [Pref.class2/num/pess Va]sikana] [SV [Pref.class2/num/pess va] noziva zvavanoda]] (varume vanoziva zvavanoda.) (= As mulheres sabem o que querem PT).  
d. [<sub>F</sub> [<sub>SN-suj</sub> [<sub>Pref.class8/num/pess</sub> **Zv**]ino [<sub>Quant</sub> **zvo**se] [<sub>SV</sub> [<sub>Pref.class8/num/pess</sub> **zv**]inebasa]]].  
(zvino zvoze zvinebasa) (SH) (= Todas as coisas são úteis PT).

Aliás, de acordo com Fortune (1980: 39- 84) e Lafon (1994: 54), cerca de 14 classes nominais marcadas através do processo de prefixação podem ser encontradas em shona. Neste contexto, o sistema linguístico do shona de expressão de CN assenta numa repartição dos núcleos das classes nominais em várias subclasses,

<sup>4</sup> O shona faz parte das línguas da zona S10, sendo nativo do povo de Mashonaland, no Zimbábue; todavia, é igualmente falado por pequenos grupos sociais dos países vizinhos como Botswana, Moçambique e Zâmbia (Mukaro 2012: 221; Mhute 2016: 340).

nomeadamente, a de nomes [ $\pm$  Contáveis] (Mphofu 2009: 100 - 108), a de nomes [ $\pm$  Animados] e a de nomes [ $\pm$  Concretos].

Os prefixos derivacionais dos nomes desempenham, portanto, um papel preponderante no estabelecimento das relações sintáticas entre o nome e outros elementos, como adjetivos, demonstrativos, possessivos e verbos. A incongruência entre o prefixo nominal e os prefixos dos elementos que se subordinam ao nome, como em <sup>\*</sup>[<sub>SN</sub> [<sub>Pref. Nominal class 10</sub> dz]] [<sub>Base nominal</sub> imba] [<sub>Pref. Nominal classe 11</sub> r]] [<sub>pos.</sub> enyu] [<sub>Pref. Nominal classe 2b</sub> a]] [<sub>Adjetivo</sub> kanaka]] (as vossas casas são bonitas<sup>5</sup> vs. dzimba dzenyu dzakanaka), resulta em agramaticalidade do tipo *concordacional*, devido ao uso de prefixos que representam classes nominais diferentes, nomeadamente, **dzi-** (correspondente à classe 10), **ru-** (correspondente à classe 11) e **a-** (correspondente à classe 2b).

Já no inglês, de uma forma geral, não há sistema de distinção dos géneros gramaticais (Wagner 2003: 41- 45). Ademais, os adjetivos, artigos, possessivos, quantificadores e indefinidos não reproduzem a marca do plural exibida pelo núcleo, isto é, são invariáveis (Exemplos 5 a. b. e c.).

### Exemplos 5

- a. *The students* arrived. vs *The student*[-] arrived.
- b. *All the teachers* are in class. vs *The teacher*[-] is in class.
- c. *The boys* are home. vs *The girl* is home.

Portanto, os falantes de shona como língua materna (LM) e de inglês língua segunda (LS) que aprendem o PLE na Universidade do Zimbábue têm como conhecimento linguístico prévio uma diversidade de padrões relativos à concordância. Esta diversidade reside, em primeiro lugar, na tipologia prefixal dos morfemas da LM usados para/no estabelecimento da concordância; em segundo, nos diferentes valores semânticos que tais morfemas indicam, nomeadamente, *pessoa, número e género/classe* na LM dos falantes (shona); em terceiro, na marcação do número gramatical apenas no núcleo nominal na sua LS; e, em quarto, na ausência, de uma forma geral, de mecanismos de marcação de género gramatical na LS (inglês). Deste modo, admitindo o papel operante do conhecimento linguístico prévio na aprendizagem de uma língua não materna, prevê-se a concorrência de dois sistemas de CN divergentes (do shona e do inglês) na construção da interlíngua dos aprendentes zimbabueanos de PLE.

## 1- Metodologia

A base empírica deste estudo é constituída por sintagmas nominais extraídos de textos escritos por aprendentes<sup>6</sup> de PLE no 2º e no 3º ano de graduação em diferentes cursos na Universidade do Zimbábue, em Harare. Nesta instituição, o português é ensinado como LE, com base em materiais comuns preparados para

<sup>5</sup> Tradução não desviante.

<sup>6</sup> Desde 2014, quando iniciámos as nossas atividades de leitor de português na Universidade do Zimbábue, por ano, uma média de 20 novos estudantes inscreve-se para aprender português.

o ensino de PLE como, por exemplo, os manuais *Na Onda do Português*; *Português sem Fronteiras*; *Método de Português XXI*; *Gramática Ativa*, entre outros, nas suas diversas edições. O ensino da língua é combinado com o ensino dos respetivos aspetos de história, cultura e literatura, como parte dos programas de graduação que os alunos escolhem. A língua portuguesa e cadeiras afins são normalmente associadas a outras componentes curriculares.

Os nossos informantes são de ambos os sexos e têm idades entre os 20 e 30 anos. Trata-se de estudantes de PLE nos anos letivos 2015/2016 e 2016/2017 na Universidade do Zimbábue. O perfil linguístico destes informantes falantes de shona LM e de inglês LS consiste num conhecimento linguístico prévio que, em relação à CN, é diferente do sistema do português, o que pode estar na base das dificuldades acentuadas no desenvolvimento da competência de CN.

Este grupo de informantes foi solicitado a escrever textos sobre diferentes temas na escola e em contexto extraescolar. Os textos escritos na Universidade e fora dela, que em termos de tendências de CN são semelhantes, foram compilados para efeitos de estudos linguísticos. Destes textos foram extraídos os SN que constituem a base empírica desta pesquisa.

Neste contexto, para o estudo de natureza quantitativa, os dados são apresentados em tabelas que indicam valores estatísticos sobre as realizações desviantes em relação com as realizações conforme o PE. Já sob o ponto de vista qualitativo, são consideradas as categorias gramaticais de género e número e o elemento integrante do SN que preferencialmente projeta os valores de género e de número marcados, na relação entre o artigo e o núcleo no SN.

Para a identificação de aspetos particulares do grupo alvo (grupo de aprendentes zimbabueanos de PLE), recorreremos a um grupo de controlo, constituído por informantes que aprenderam o PLE na Universidade de Coimbra. Este grupo, constituído por dois subgrupos, sendo um falante de LM chinesa e outro de língua materna espanhola, frequentava os níveis A2 e B1 de PLE. Esta escolha justifica-se pelo facto de as duas línguas maternas do grupo de controlo serem diferentes no que diz respeito à sua relação com o português. Enquanto se observa uma grande diferença entre o chinês e o português no que tange ao fenómeno de CN entre o artigo e o nome, entre o espanhol e o português há uma grande semelhança.

Os primeiros dados, os do nível A1, são comparados com os do 2º ano do grupo alvo, enquanto os do B1 são comparados com os do 3º ano, estratégia que se justifica pelo facto de, em termos de aprendizagem, os subgrupos do grupo de controlo e os do grupo alvo estarem ao mesmo nível, em função do quadro europeu comum de referência para as línguas (QECL). Os dados do grupo de controlo estão todos organizados à semelhança dos do grupo alvo.

Na análise qualitativa, os dados são analisados tendo como referência a gramática do português europeu por ser a variedade considerada na Universidade. Ademais, estes dados são exemplificados com base nos SN extraídos do *corpus* de análise e explicados tendo em consideração, por um lado, as características do conhecimento linguístico prévio do grupo alvo, a manifestação das fases da

interlíngua bem como os princípios de processamento do *input* e, por outro, em consideração das tendências observadas na revisão bibliográfica.

### 3- Concordância nominal entre o artigo e o nome

Os dados de CN entre os artigos e os nomes são claramente observáveis na tabela 1 que corresponde à comparação dos dados da amostra de aprendentes zimbabueanos de PLE em estudo com os do grupo de controlo. Em função dos dados apresentados na tabela, a percentagem de realizações conforme o PE supera a de realizações desviantes. Mesmo assim, o valor percentual destas ocorrências desviantes no *corpus* do grupo alvo (aprendentes zimbabueanos de PLE) não deixa de ser preocupante (cf. os totais na tabela 1).

Realizações	Total	CNN	Uso Sing.	Uso Plur.	CNG	Uso Masc.	Uso Fem.
<b>2º Ano</b>							
Divergentes	231 (45%)	<b>85 (17%)</b>	76 (15%)	9 (2%)	<b>146 (29%)</b>	91(18%)	55 (11%)
Convergentes	281(55%)	<b>281 (55%)</b>	235 (46%)	46 (9%)	<b>281 (55%)</b>	128 (25%)	153 (30%)
	<b>512(100%)</b>						
<b>3º Ano</b>							
Divergentes	80 (14 %)	<b>13 (2.2%)</b>	10 (1.7%)	3 (0.5 %)	<b>67 (11%)</b>	35 (6%)	32 (5%)
Convergentes	509 (86%)	<b>509 (86%)</b>	364 (62%)	145 (25%)	<b>509 (86%)</b>	251 (43%)	258 (44%)
	<b>589(100%)</b>						
<b>Grupo de controlo</b>							
Div.CH. A2	6 (3.7%)	<b>2 (1.2%)</b>	1 (0.6%)	1 (0.6%)	<b>4 (2.5%)</b>	3 (1.8%)	1 (0.6%)
Conv.CH. A2	157 (96.3%)	<b>157(96.3%)</b>	105 (64.4%)	52 (31.9%)	<b>157 (96.3%)</b>	91 (55.8%)	66(40.5%)
	<b>163 (100%)</b>						
Div.ESP. A2	3 (4%)	<b>0 (0%)</b>	0 (0%)	0 (0%)	<b>3 (4%)</b>	1 (1.3%)	2(2.6%)
Conv.ESP. A2	72 (96%)	<b>72 (96%)</b>	54 (72%)	18(24%)	<b>72 (96%)</b>	44(59%)	28 (37%)
	<b>75 (100%)</b>						
Div.CH. B1	3 (2%)	<b>1(0.6%)</b>	0(0%)	1 (0.6%)	<b>2(1.2%)</b>	2 (1.2%)	0(0%)
Conv.CH. B1	157 (98%)	<b>157 (98%)</b>	107 (66.8%)	50(31%)	<b>157 (98%)</b>	81 (50.6%)	76(47.5%)
	<b>160(100%)</b>						
Div.ESP. B1	7 (3.4%)	<b>1 (0.5%)</b>	1 (0,5%)	0 (0%)	<b>6 (3%)</b>	3 (1.5%)	3 (1.5%)
Conv.ESP. B1	196 (96.6%)	<b>196 (96.6%)</b>	153 (75.4%)	43 (21.2%)	<b>196 (96.6%)</b>	96 (47.3%)	100 (49.3%)
	<b>203 (100%)</b>						

Tabela 1: CN entre o artigo e o nome

As estruturas contendo artigos e nomes que analisamos neste trabalho totalizam 512 (100%) e 589 (100%) ocorrências, das quais 231 (45%) e 80 (14%) representam realizações desviantes de CN, respetivamente, no 2º e no 3º ano.

O índice de desvio na amostra de aprendentes zimbabueanos é expressivamente elevado em relação aos números de ocorrências desviantes no grupo de controlo que representam 4%, 4%, 2% e 3%, respetivamente, nos níveis A2 e B1 dos aprendentes de LM chinesa e espanhola.



Outrossim, as realizações divergentes de CN entre o artigo e o nome na amostra dos aprendentes zimbabueanos de PLE distribuem-se nas duas principais categorias de CN, género e número, conforme os dados apresentados na tabela 1 acima. A leitura desta tabela permite-nos constatar que, no total dos dados relativos às ocorrências desviantes no estabelecimento da CN entre os artigos e os nomes, observam-se quer desvios de concordância em número (85 (17%) e 13 (2.2%) casos) quer desvios de concordância em género (146 (28%) e 67 (11%) ocorrências). Entretanto, as realizações convergentes de concordância nominal em número (CNN) e em género totalizam 281 e 509 ocorrências, equivalentes a 55% e 86%, respetivamente, no 2º e no 3º ano.

No grupo de controlo, por sua vez, registam-se apenas 6 (3.7%) ocorrências em aprendentes de PLE tendo como LM o chinês e 3 (3.9%) em aprendentes com LM espanhola, no nível A2. No que tange ao nível B1, cujos dados são comparáveis com os do 3º ano, registam-se 3 (2%) e 7 (3.4%) desvios nos subgrupos de LM chinesa e espanhola. Estas percentagens revelam que, diferentemente do que se verifica na amostra de aprendentes zimbabueanos de PLE, a CN entre os artigos e os núcleos nominais não constitui um problema crítico para o grupo de controlo.

Entretanto, a CNN (cuja tendência principal é do uso preferencial do singular, com 76 (15%) casos) é a mais fácil de aprender e estabelecer. Aliás, a tabela 1 indica uma expressiva redução do desvio de número (de 17% para 2.2%) do 2º para o 3º ano. Os desvios de concordância em causa são como os apresentados nos exemplos 6 abaixo:

#### **Exemplos 6:**

a. **\*[O irmãs]** dele chama-se a Gladys e a Tapiwa PIII16SI43 (F655) (**As** irmãs...)

b. **\*[A zonas industrial]** são ... PIII17SII32 (F677) (**As** zonas...)

c. **\*[A cidades]** nordestinas também organiza grupos ... PII15SII4 (F79) (**As** cidades...)

Os exemplos 6 (a., b. e c.) ilustram a tendência dos aprendentes de PLE de usar preferencialmente o artigo no singular. No SN *uma colegas*, por exemplo, o artigo indefinido *uma* apresenta-se no singular enquanto o núcleo *colegas* encontra-se no plural – estratégia do uso do artigo [+ Singular] com o núcleo [- Singular].

Em termos numéricos, em harmonia com a tabela 2, no 2º ano, dos 85 casos de desvios de CNN, 76, correspondentes a 89%, obedecem à estratégia do uso do artigo [+ Singular] com o núcleo [- Singular]. No 3º ano, por sua vez, 10 casos equivalentes a 77% representam a mesma estratégia. O reduzido número de realizações desviantes no grupo de controlo, entretanto, dificulta a comparação das tendências de CN entre os artigos e os núcleos nominais (Tabela 2).

Nível	CNN amostra em análise			CNN grupo de controlo			
	Marca do plural no artigo	Marca do plural no núcleo			Marca do plural no artigo	Marca do plural no núcleo	
2º ano	2º ano (85)	3º ano (13)	total (98)	CHA.2 (2)	ESP.A.2 (0)	CH.B1 (1)	ESP.B1(1) total (4)
	9 (11%)	76(89%)		CH.A.2	1(50%)	1 (50%)	
				ESP.A.2	0 (0%)	0(0%)	
				CH.B1	1(100%)	0 (0%)	
3º Ano	3(23%)	10 (77%)		ESP.B1	0(0%)	1 (100%)	
Total	12 (12%)	86 (88%)		Total	2(50%)	2 (50%)	

**Tabela 2:** Estratégia de marcação do número na CNN entre o artigo e o nome - realizações desviantes

Por sua vez, a categoria gramatical de género (cuja tendência saliente é do uso desviante do masculino, com 91 (18%) e 35 (6%) casos) (Tabela 1)) mostra-se como a que mais dificuldades cria para os aprendentes de PLE na Universidade do Zimbábue. Aliás, o estudo de PLE de falantes chineses e espanhóis efetuado por Martins (2015) e o de aprendentes marroquinos levado a cabo por Pinto (2012) revelaram igualmente maiores dificuldades no estabelecimento de concordância em género, em comparação com a concordância em número.

Os exemplos de desvios de concordância nominal em género (CNG) em textos escritos por aprendentes zimbabueanos de PLE são como os que se seguem:

**Exemplos 7:**

- a. \*[Um festa] vou acabar antes das doze. PII16SI47 (F771) (PE = Uma festa...)
- b. A minha mãe é \*[um professora] PII14/15/16SI/II52 (F1046) (PE = uma professora...)
- c. Eu gostará de ter \*[o grande festa]] e terá cinco ... PIII16SI8 (F179) (PE = a grande festa...)
- d. Já visitou as montanhas de Nyanga as Cataratas do Vitória e \*<sub>SN</sub> [o baragem] de kariba PIII16SI15 (F324). (PE = a barragem ...)
- e. [A minha pais] vão para ao cinema. PII14/15/16SI/II52 (F885) (PE = Os pais)
- f. [Uma boa amigo] não conta ... PIII17SII25 (F558) (PE = Um amigo)

Os exemplos 7 (a., b., c., d., e. e f.) são ilustrativos dos desvios de concordância nominal em género. Em termos de tendências, a tabela 3 abaixo indica que das 146 ocorrências desviantes de concordância nominal em género, 91, que correspondem a 62%, consistem na projeção do valor gramatical de género feminino apenas no e através do núcleo nominal (Exemplo 7 a. e b.), contra 55 casos correspondentes a 38% em que o artigo evidencia o género feminino, no 2º ano (Exemplos 7 e.). Na mesma perspetiva, no 3º ano, registam-se 35 casos iguais a 52% (Exemplo 7 f.), contra 32 equivalentes a 48%. De uma forma geral, estas tendências são também observáveis nos dados dos aprendentes de PLE falantes de língua materna chinesa e espanhola, com exceção do subgrupo de LM espanhola de nível A2 (Tabela 3).

Nível	CNG amostra em análise		CNG grupo de controlo		
	Marca do feminino no artigo	Marca do feminino no núcleo	Marca do feminino no artigo		Marca do feminino no núcleo
2º ano	2º ano (146) 3º ano (67) total (213)		CHA2 (4) ESP.A2 (3) CH.B1 (2) ESP.B1(6) total (15)		
	55(38%)	91 (62%)	CH.A2	1 (25%)	3(75%)
			ESP.A2	2(67%)	1(33%)
3º Ano	32(48%)	35 (52%)	CH.B1	0(0%)	2 (100%)
			ESP.B1	3 (50%)	3(50%)
Total	87 (41%)	126 (59%)	Total	6 (40%)	9(60%)

**Tabela 3:** Estratégia de projeção do género na CNG entre o artigo e o nome – realizações desviantes

Os desvios de CNG no seio dos aprendentes zimbabueanos revelam uma certa dependência em relação aos índices temáticos (IT). Conforme se pode observar na tabela 4, um maior número de artigos definidos e indefinidos com marcas de masculino é associado a nomes femininos com o IT *-a*, ou seja, os desvios de concordância de género concentram-se em nomes que integram a classe temática *-a*. A tabela 4 abaixo revela que, num total de 71 e 18 SN (com IT *-a*) correspondentes a 49% e 27%, em relação aos 146 e 67 SN que representam os desvios de concordância de género no 2º e no 3º ano, apenas em 14 e 3 ocorrências, iguais a 10% e 4%, o desvio resulta da marcação do género em função do IT.

As dificuldades de estabelecer a CNG ocorrem também com frequência em SN cujos núcleos não pertencem às classes temáticas *-a* e *-o*. Neste aspeto, a tabela 4 ilustra a ocorrência de 30 e 23 casos de desvios de concordância de género masculino e feminino, iguais a 21% e 16%, no 2º ano. Já no 3º ano, os valores estatísticos de desvios em SN que não integram as duas classes temáticas fixam-se em 22 e 7 casos, iguais a 33% e 10%, respetivamente.

Por seu turno, foram registadas 22 (15%) e 20 (30%) ocorrências desviantes em SN cujos núcleos integram a classe temática *-o*. No entanto, não se observam desvios de CNG devidos ao estabelecimento da concordância em função do IT *-o*.

Os dados do grupo de controlo, por sua vez, revelam dois aspetos que distanciam os dois grupos no tocante à relação entre os IT e os desvios de CN. O primeiro tem que ver com o reduzido número de realizações desviantes da concordância nominal em género nos subgrupos de LM chinesa e espanhola cujas ocorrências não ultrapassam 3 casos (vd. tabela 4). O segundo aspeto é concernente ao facto de, no grupo de controlo, os índices elevados dos desvios de género se registarem em SN cujos núcleos nominais não terminam com os dois IT *-a* e *-o*, ou em SN em que estes IT não coincidem com o género feminino ou masculino do nome.

Realizações	Total	Desvio de CNG em nomes com IT -a	Desvio de CNG junto de nomes com IT -a	Desvio de CNG em nomes com IT -o	Desvio de CNG junto de nomes com IT -o	Uso desviante do masculino em nomes de IT -a, -Ø e atemático	Uso desviante do feminino em nomes de IT -a, -Ø e atemático
<b>Grupo alvo</b>							
<b>Div. CNG 2º Ano</b>	146(100%)	57 (39%)	14 (10%)	22 (15%)	0 (0%)	30 (21%)	23 (16%)
<b>Div. CNG 3º Ano</b>	67(100%)	15 (22.4%)	3 (4%)	20 (30%)	0 (0%)	22 (33%)	7 (10%)
<b>Grupo de controlo</b>							
<b>Div. CNG CH A2</b>	4 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (50%)	2 (50%)
<b>Div. CNG ESP A2</b>	3 (100%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	1 (33%)
<b>Div. CNG CH B1</b>	2 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (100%)	0 (0%)
<b>Div. CNG ESP B1</b>	6 (100%)	0 (0%)	1 (17%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (50%)	2 (33%)

Tabela 4: Desvios de CNG do artigo e o nome em relação com o IT

#### 4- Discussão dos resultados

De uma forma geral, os índices de realizações convergentes, quer de concordância de número quer de género, superam os de realizações divergentes do PE. Ademais, ocorre maior índice de desvios de CNG do que de CNN. Tal como acontece em maior número de aprendentes de PLE, a CNN, com tendência para o uso desviante do singular, é a mais fácil de aprender e estabelecer se comparada com a CNG, com tendência para o uso desviante do masculino (cf. Pinto 2012; Martins 2015).

No que diz respeito à CNN, conforme revelam os dados da tabela 2, quer no 2º quer no 3º ano, a estratégia de colocação do morfema de número plural apenas no núcleo do SN regista o maior número de ocorrências (sobre este comportamento, cf. Nhatuve & Bwetenga 2018).

Embora os dados do grupo de controlo não sejam suficientemente representativos e evidenciem um certo equilíbrio de ocorrências de usos desviantes do singular e do plural, é possível verificar, na tabela 2, a estratégia de marcação do valor de número plural apenas no núcleo de SN, nos subgrupos de LM chinesa e espanhola, respetivamente, dos níveis A2 e B1.

O comportamento do grupo de aprendentes zimbabueanos de PLE e também de alguns subgrupos de controlo denota uma tendência diferente da que se verifica no português brasileiro e no português de Angola, de Moçambique, de São Tomé, por exemplo, em que se registam igualmente fenómenos de não convergência de concordância de número (em relação ao PE). Nestas variedades do português, em SN com a estrutura *Art. + Nome*, a tendência consiste na marcação do plural apenas no artigo, ficando o núcleo na forma não marcada (cf. Costa 2008: 569; Santos 2017: 157-160 e Inverno 2009: 153).

Nos dois níveis (2º e 3º anos), a tendência desviante do uso do número plural nos artigos combinados com os núcleos nominais singulares é relativamente baixa. Assim, o elevado número de realizações convergentes envolvendo os artigos e os núcleos singulares (Tabela 1) e o reduzido índice da tendência do uso de artigos

com traços [+ Plural] com núcleos com traços [- Plural] (Tabela 1 e 2) sustentam a ideia de os aprendentes zimbabueanos de PLE terem como tendência o uso de artigos no singular com núcleos plurais, como estratégia de configuração do valor de número gramatical plural.

De uma forma geral, os dados de aprendentes zimbabueanos de PLE analisados indicam a marcação do plural apenas no núcleo do SN, deixando os artigos na sua forma não marcada, enquanto os dados do grupo de controlo indicam uma expressão irrelevante das realizações desviantes, o que não permite a tomada de uma posição em relação aos do grupo alvo (vd. tabela 4).

No que tange à CNG, na tendência do uso divergente do masculino, que apresenta índices elevados nos dois níveis, o artigo mantém-se no masculino enquanto o núcleo exhibe as marcas do feminino, tendência que caracteriza igualmente algumas variantes africanas (cf. Gonçalves 2015: 12-13 e Pinto 2012: 27) e também o PLE de aprendentes europeus (Mariotto & Lourenço-Gomes 2013: 1281-183). Aliás, à semelhança do comportamento verificado na CNN, como estratégia de projeção do valor de género feminino no SN, os aprendentes de PLE da Universidade do Zimbábue não marcam tal valor no artigo, ficando o nome como o único elemento que o evidencia através do índice temático *-a* (vd. tabela 3).

Observa-se, entretanto, uma semelhança das tendências do grupo alvo com as do grupo de controlo. Esta semelhança e a consideração de que as línguas conhecidas pelo grupo alvo (aprendentes zimbabueanos) não têm, de uma forma geral, sistemas de marcação morfológica do masculino ou do feminino (cf. os SN-sujeitos nos exemplos 4 (b. e c.) do shona e 5 (c.) do inglês, em que não se evidencia nenhum mecanismo formal de diferenciação dos géneros)<sup>7</sup> (Wagner 2003; Dembetembe 1981) permitem-nos afirmar que a interferência linguística não pode ser invocada como principal explicação para a tendência de projeção do feminino apenas através do núcleo nominal.

Quanto à relação entre as realizações desviantes de CNG e os IT dos nomes, verifica-se uma diferença entre os dados do grupo alvo e os do grupo de controlo. É que enquanto nos textos de estudantes zimbabueanos se observa um elevado índice de desvios envolvendo nomes de IT *-a*, no grupo de controlo, os desvios se concentram em SN cujos nomes não integram nem a classe temática *-a* nem a classe temática *-o*, ou em SN cujos IT *-a* e *-o* não coincidem com o feminino e o masculino. A tendência do grupo alvo (aprendentes zimbabueanos), neste âmbito, permite-nos afirmar que a coincidência ou não dos IT *-a* e *-o* dos nomes com o feminino e o masculino não é necessariamente determinante na ocorrência de desvios de CN (cf. Nhatuve 2017).

Desta feita, tendo em conta o perfil linguístico específico de falantes de shona e inglês, o elevado número de desvios no estabelecimento da concordância nominal de número e de género pode encontrar explicação, por um lado, na diferença entre os elementos e os mecanismos de CN das línguas em contacto, associada à falta de exposição ao *input*/evidências linguísticas de português fora do contexto escolar.

<sup>7</sup> Não se pode tomar esta consideração relativamente ao grupo de controlo que tem como língua materna o espanhol. Esta língua, à semelhança do português, tem mecanismos de marcação morfológica do masculino e do feminino.

Por outro, os índices elevados dos desvios, sobretudo de CNG, podem ser explicados pelo facto de, em português, “os lexemas nominais (...) terem um valor de género inerente, invariável, totalmente especificado na subparte da sua matriz que respeita aos traços morfológicos (...)”, isto é, o género não é uma categoria flexional, mas sim, “uma categoria linguística lexical” (Mota 2016: 152 - 153). Isto justifica o facto de a marcação do género, com recurso a mecanismos flexionais, ser assistemática e irregular.

Considerando a primeira hipótese de explicação do desvio do género e do número, importa referir que o shona não apresenta sistema de determinação por artigos (Mhute 2011: 341) e o inglês apresenta um sistema de artigos invariáveis (Quirk et al. 1985: 314). Neste âmbito, tendo em conta a hipótese de transferência linguística, o conhecimento linguístico prévio do grupo alvo favorece a ocorrência de dificuldades no estabelecimento da concordância entre os artigos e os núcleos nominais em português.

Ademais, a hipótese de que os aprendentes de português língua não materna, sobretudo aqueles cujas línguas maternas não têm mecanismos gramaticais de marcação dos valores dos géneros masculino e feminino e/ou têm mecanismos de marcação do número gramatical diferentes dos do português, tendem a usar o género e o número não marcados (cf. Gonçalves 2010) pode também explicar as ocorrências desviantes registadas no grupo alvo. Aliás, esta hipótese encontra sustento nos princípios de preferência pelas unidades lexicais e pela não redundância (em que os aprendentes de línguas estrangeiras processam primeiro o material linguístico com significado lexical e que não revele redundância, evitando aquele (material) que não dá informação nova) apresentados por VanPatten (2004) na descrição da sua teoria sobre o processamento do *input*. À luz desta teoria, o uso do artigo na forma feminina e/ou no plural em correspondência aos traços [+ Feminino e/ ou + Plural] dos nomes é evitável por se tratar de uma palavra sem significado próprio e de um processo que resulta em redundância da informação sobre o género e o número no SN.

Considerando, por sua vez, as operações computacionais apresentadas por Chomsky (1995), quer os desvios de CNN quer os de CNG implicam a falha da ativação da operação *Agree* depois da operação *Merge*. Esta falha, no entanto, para o caso dos aprendentes zimbabwuanos de PLE, parece implicar a necessidade de uma intervenção pedagógica (ensino-aprendizagem da CN) que permita a ativação da operação *Agree* sempre que for necessária.

## 5- Considerações finais

O primeiro aspeto que deve ser considerado no que tange ao estabelecimento da CN em PLE por falantes de shona como língua materna e de inglês como língua segunda é que as realizações convergentes com o PE, com cerca de 55% e 86% das 512 e 589 estruturas analisadas, respetivamente, no 2º e no 3º ano, superam as realizações divergentes, com 45% e 14%. O segundo é o facto de as tendências desviantes de CN reduzirem consideravelmente na passagem de um nível

para o outro, o que sustenta a ideia de as realizações desviantes representarem manifestações das diferentes fases interlinguísticas que podem e devem ser minimizadas através do processo de ensino-aprendizagem. O terceiro aspeto a ter em conta é que, em relação aos dados do grupo de controlo (com menos de 4%), o grupo alvo apresenta um elevado número de realizações divergentes do PE, o que torna os valores percentuais deste último grupo muito preocupantes sob o ponto de vista educacional.

No que concerne à concordância em número, e diferentemente do que acontece no português brasileiro e no português de Angola, de Moçambique, de São Tomé, por exemplo, os aprendentes de PLE falantes de shona e inglês deixam na forma não marcada (singular) o artigo e colocam a desinência do plural no núcleo nominal, tal como acontece no inglês. Por sua vez, os desvios de concordância de género, em que, na sua maioria, o núcleo é o único elemento que projeta o valor gramatical de género feminino (frequentemente através do IT *-a*), revelam uma certa relação com os IT, na medida em que os desvios ocorrem amiúde em SN que integram nomes da classe temática *-a*.

As realizações desviantes registadas podem ser explicadas com base nas hipóteses de transferência linguística (com exceção da tendência de projeção do feminino apenas através do núcleo nominal) das estruturas das línguas conhecidas pelo aluno (ação do conhecimento linguístico prévio), de assistemática dos mecanismos de marcação do género em português, de preferência pelas unidades lexicais e pelas estruturas não redundantes no processamento de *input* e de exposição tardia ao *input*/evidência linguísticas do PLE.

O reduzido número de realizações desviantes no grupo de controlo permite-nos concluir que o problema de CN entre os artigos e os nomes pelo grupo alvo é muito mais crítico do que no grupo de controlo. Mesmo assim, há, entre os dois grupos, aspetos de semelhança, nomeadamente:

- (1) A ocorrência de maior número de desvios na concordância nominal em género relativamente à CNN;
- (2) A tendência para o uso desviante do masculino (à parte o grupo de aprendentes espanhóis de nível B1).

Por um lado, a ocorrência de aspetos semelhantes de CN, nomeadamente, maiores dificuldades de estabelecer a CNG e o uso do masculino em aprendentes zimbabueanos e em aprendentes com as LM chinesa e espanhola, leva-nos a considerar e a confirmar o carácter transversal das duas tendências no âmbito do ensino-aprendizagem e uso do PLE. Por outro, a existência de aspetos que, para os aprendentes de língua materna chinesa e espanhola, não constituem dificuldades (caso da CNN), apesar de prevalecerem em aprendentes zimbabueanos, permite-nos relacionar a ocorrência dos desvios de concordância de número em PLE do grupo alvo, não só com a distância entre o shona, o inglês e o português no que tange à concordância, como também com o impacto do contexto de aprendizagem (Portugal, onde se fala português no dia-dia vs Zimbábue, onde se fala shona e inglês).

Neste âmbito, os principais aspetos revelados neste trabalho, tendo em consideração que as competências em português no contexto zimbabueano são desenvolvidas exclusivamente com base no processo de ensino-aprendizagem, apelam para um processo de ensino-aprendizagem do PLE e, particularmente, da CN que tome em consideração os aspetos específicos que caracterizam o estabelecimento da CN pelo grupo alvo.

## REFERÊNCIAS

- Linguística e Cognição*. Barbosa, J. S. 1822. Gramática filosófica da língua portuguesa. Lisboa: Academia Real das Ciências
- Bechara, E. 2009. *Moderna gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Editora Lucerna (LeLivros).
- Brandão, S. F. 2013. Patterns of agreement within the noun phrase. *Journal of portuguese linguistics*, 12 (2). 51-100.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. (Current Studies in Linguistics 28.) Cambridge, MA: MIT Press, P. 420.
- Corbett, G. G. 2006. Grammatical gender. In: Brown, K. (Ed.) *Encyclopedia of language and Linguistics*, 2<sup>nd</sup> Edition. Oxford: Elsevier, p. 749-756.
- Costa, M. T. B. da 2008. *Variação da concordância nominal no sintagma nominal: um estudo na escrita dos alunos do município de Ribeira do Pombal – Bahia*. In: Moura, D. (Org.). *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, 567-570.
- Cunha, C. e Cintra, L. 2005. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Dembetembe, N. C. 1981. Remarks on some syntactic noun features in shona. *Zambezi IX (II)*. 103-117.
- Ernesto, N. 2015. *Ensino estratégico da gramática na aula de português língua não materna*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutoramento).
- Floripi, S. A. 2008. *Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Tese de Doutoramento).
- Gonçalves, P. 2010. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda.
- \_\_\_\_\_. 2015. *Aspetos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal*. Cuadernos de la Alfal N°7. 9 -16.
- Halle, M.; Marantz, A. 1993. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. In: Hale S.; Keyser, J. (Eds), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Harley, H. 2013. *Cycles, Vocabulary Items and Stem forms in Hiaki[A]*. In: Matushansky, O.; Marantz, A. (Eds.). *Distributed Morphology Today*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 117-134.
- Harley, H.; Noyer, R. 2003. *State-of-the Article: Distributed Morphology*. In



- Chang, L. L. S.; Sybesma, R. (Eds.). *The Second Glot State-of-the-ArticleBook: The Latest in Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 463- 495.
- Inverno, L. 2009. *Contact-induced restructuring of portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação Doutorado).
- John-And, A. 2011. *Varição, contacto e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. Estocolmo: Universidade de Estocolmo (Dissertação Doutorado).
- Lima, R. 2011. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- Mariotto, E.; Lourenço-Gomes, M. C. 2013 *Análise de erros na escrita relacionados à aprendizagem da concordância de gênero por falantes nativos do inglês, aprendentes de português europeu como língua estrangeira*. In: *Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP)*. Língua portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas. Faculdade de Letras/ UFG, Goiânia, Goiás. 1278 - 1285.
- Martins, C. 2015. *Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira*. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, 1 (1), 26-51.
- Mhute, I. 2011. *The shona subject relation*. Pretória: University of South Africa (Tese de Doutorado).
- Muhammad, I. A. 2019. *What is Distributed Morphology?* *Macrolinguistics*, No.1 (Serial No.10), p. 45- 56.
- Nhatuve, D. 2017. *Vogais temáticas, gênero e concordância nominal em PLE*. *Revista X, Curitiba*, vol. 12, Nº 2. 8 - 24.
- Nhatuve, D.; Bwetenga, T. R. 2018. *Configuração do valor de número gramatical em português língua estrangeira: interlíngua ou problemas intrínsecos da língua portuguesa?* *Linguagem & Ensino*, Pelotas, vol. 21, Nº 1. 5 - 33.
- Noyer, R. 2006. *Distributed Morphology*. In: Brown, K. (Ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*, Second Edition. Oxford: Elsevier, p. 734-737.
- Pinto, J. 2012. *A aquisição de português LE por alunos marroquinos: dificuldades interlinguísticas*. In: *Atas del II congreso internacional SEEPLU - Difundir la lusofonia Cáceres: SEEPLU / CILEM / LEPOLL*. 217 - 239.
- Quirk, R. et al. 1985. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.
- Santos, L. E. R. 2017. *A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)*. Feira da Santana – BA. Universidade Estadual de Feira de Santana (Dissertação de Mestrado).
- Scherre, M. M. P. 1994. *Aspetos da concordância de número no português do Brasil*. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e variação do português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 37-49.
- VanPatten, B. 2004. *Processing instruction: theory, research, and commentary*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Vieira, S. R.; Brandão, S. F. 2014. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística*, 30. 82-112.

Wagner, S. 2003. *Gender in english pronouns*. Breisgau: Albert-Ludwigst-Universiatt. (Dissertação Doutorado).